

O Campo Artístico da Gravura em São Paulo: Ensino, Produção e Circulação-1950/70.

Maria Luisa Luz Tavora, Universidade Federal do Rio de Janeiro

A cidade de São Paulo participa do processo de ativação da gravura artística nos anos 1950/70. Núcleos de ensino promoveram seu agenciamento como instrumento da criação moderna. Nos anos 1950, Poty Lazarotto e Renina Katz (1952/55), ensinaram na Escola Livre de Artes Plásticas no MASP/SP; Lívio Abramo participou da Escola de Artesanato do MAM-SP(1953-59), fundando posteriormente com Maria Bonomi e José Luis Chaves, em 1960, o Estúdio Gravura. Darel Valença e Marcelo Grassmann orientaram a Oficina de Gravura, em 1961, na Escola de Arte da FAAP. As genealogias da formação em gravura cruzam-se entre Rio e São Paulo envolvidas na experimentação da gravura como elemento estruturador de poéticas.

Palavras-chaves: gravura artística. circuito de arte. núcleos de ensino. São Paulo

*

The city of Sao Paulo is part of the triggering process of printmaking in the period 1950-1970. Teaching centres mediated it as an instrument of modern creation. In the 1950s, Poty Lazarotto and Renina Katz (1952/55) taught at the Free School of Plastic Arts in the Sao Paulo Museum of Art (MASP/SP); Livio Abramo participated in the School of Crafts in the Sao Paulo Museum of Modern Art (MAM-SP)(1953-59), and later, in 1960, with Maria Bonomi and José Luis Chaves, founded the *Estúdio Gravura* [Printmaking Studio]. In 1961 Darel Valença and Marcelo Grassmann directed the *Oficina de Gravura* [Printmaking Workshop] in the FAAP School of Art [*Faculdade Armando Álvares Penteado*]. The genealogies of printmaking hybridize between Rio and Sao Paulo, both involved in experimenting with printmaking as a structuring element of poetry.

Keywords: printmaking. art circuit. teaching centres. Sao Paulo

Nos anos 1950/70, as atividades em torno da gravura artística intensificaram-se na cidade de São Paulo constituindo um momento especial de produção de uma nova geração de artistas. Apesar da hegemonia do Rio de Janeiro no processo de ativação da gravura artística, nos anos 1960, a cidade de São Paulo participa igualmente desse processo.

Aderimos ao conceito de que a atribuição de valor a uma produção artística supõe, para além da criação do artista, a atuação de um vasto campo artístico, plural em seus domínios. Este campo constitui uma rede (ou circuito de arte), cujos agentes favorecem um certo tipo de relação entre a obra de arte e seus intérpretes.

Em São Paulo, nos anos 1950, Poty Lazarotto e Renina Katz (1952/55), ensinaram gravura na Escola Livre de Artes Plásticas no MASP/SP; Lívio Abramo participou da Escola de Artesanato do MAM-SP(1953-59), fundando, posteriormente em 1960, com Maria Bonomi e José Luís Chaves, o Estúdio Gravura. Darel Valença e Marcelo Grassmann orientaram a Oficina de Gravura, aberta em 1961, na Escola de Arte da FAAP. As genealogias da formação em gravura cruzam-se entre estas duas cidades, dado de grande interesse para nossa pesquisa.

Na Escola Livre de Artes Plásticas no MASP, juntam-se dois artistas com formação inicial no Rio de Janeiro. Poty Lazarotto (1924-1998), curitibano e Renina Katz (1925) carioca, ambos cursaram a Escola Nacional de Belas Artes. Ambos frequentaram o Curso de gravura em metal do Liceu de Artes e Ofícios sob a orientação de Carlos Oswald. Poty realizou ainda, em 1946, um curso de Artes Gráficas em Paris, onde aprendeu litografia. No início dos anos 1950, mudou-se para São Paulo.

Renina iniciou-se em xilogravura, em 1946, com Axl Leskoschek (1889-1975), no curso da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Como Poty, em 1951, foi para São Paulo, onde passaram a lecionar gravura na Escola Livre¹.

Seus conhecimentos e atitudes em relação à gravura eram tributários da orientação de Carlos Oswald, fundada na gravura como meio de expressão moderno. Dava-se um rebatimento conceitual no âmbito de reformulação dos meios e fins da gravura. Este rebatimento nos termos propostos por Pierre Bourdieu, afirma que "todo ensino deve produzir em grande parte, a necessidade de seu próprio produto e, assim constituir enquanto valor ou como valor dos valores, a própria cultura cuja transmissão lhe cabe.[...]" Trata-se de um determinado esquema de pensamento nomeado pelo pensador francês de "habitus cultivado". (Bourdieu, 1982).

Escola de Artesanato do MAM-SP

Outro núcleo importante do ensino da gravura foi a Escola de Artesanato, criada em 10 de junho de 1952, fruto de um convênio do Museu de Arte Moderna de São Paulo com a Prefeitura Municipal.² Oferecia dois cursos básicos³, Desenho e História da Arte, sob a

¹ - Àquela altura, em 1950, o MASP passara a ocupar mais quatro andares do prédio dos Diários Associados (Rua 7 de abril), expandindo uma ação didática, com a oferta de cursos de gravura, pintura, escultura, desenho industrial, além da criação de um corpo de baile e uma orquestra infantil.

² - Funcionou na Praça Franklin Roosevelt, n.277, espaço que se tornou pequeno, já em seu primeiro ano de funcionamento, com mais de 80 alunos, dos quais 25 bolsistas subsidiados pela prefeitura paulista.

responsabilidade de Antonio Gomide e Wolfgang Pfeiffer, respectivamente. Incluía ainda "duas oficinas artesanais" com duração de dois anos, - cerâmica com o orientador De Marchis e de artes gráficas, confiada inicialmente ao gravador Yllen Kerr⁴, então diretor do Museu e, em seguida, a Lívio Abramo que residira no Rio de Janeiro entre 1948 e 1950, com atuação vigorosa nos debates e na prática da gravura, juntamente com Oswaldo Goeldi. Ao assumir, de 1953 a 1959, o ensino de gravura na Escola do Artesanato, era detentor da premiação máxima para a Gravura Nacional, recebida na Bienal de São Paulo de 1953.⁵ Lívio aderiu aos propósitos da Escola do MAM de "despertar nos jovens o amor pelo ofício artístico", além de oferecer-lhes uma "sólida base de conhecimentos" para impulsionar criações com qualidade artística. Havia interesse em desenvolver "estreita ligação entre as artes plásticas contemporâneas com as artes aplicadas."⁶

Como aconteceria também no MAM do Rio de Janeiro, o museu paulista empenhava-se didaticamente para consolidar a arte moderna.⁷ Em artigo que saudava a criação do núcleo de ensino, Ibiapaba Martins afirmava ter o MAM acertado ao criar um espaço para esta consolidação, papel até então restrito a debates e conferências, uma hegemonia dos discursos, pois era preciso trabalhar, fazer arte, pintar. Era necessário o aprendizado do artesanato. (MARTINS, 1952, pp.8-9).

Após um ano de funcionamento dos dois cursos Cerâmica e Artes Gráficas, foi realizada mostra dos trabalhos dos alunos, na sala grande do MAM, em 26 de junho 1953.⁸ Eram incorporadas à formação dos alunos sessões de cinema, compreendendo filmes de estudo e filmes comerciais.⁹ Posteriormente, passam a ser ministradas aulas de apoio à prática artesanal em visitas pela Bienal, o que aconteceu regularmente com as bienais posteriores. Seriam oferecidos mais cursos na Escola, à tarde, cursos livres de Desenho, Composição e Técnica de Pintura.

Para alguns, tal ampliação poderia comprometer os objetivos originais da Escola. Em longa reportagem, resultado de sua visita à Escola de Artesanato, a jornalista Yvonne Jean colocou em pauta discussão sobre o entendimento do artesanato. Em seu artigo, problematizou o papel pedagógico da Escola, questionando: "A escola forma profissionais ou amadores? Artesãos ou trabalhadores ocasionais? Técnicos ou improvisadores? Artistas

³ - Os cursos regulares funcionavam diariamente em dois períodos, das 17 às 19 horas e das 19 às 21 horas. Em 1953, o Curso de História da Arte às quintas-feiras, das 18 às 19 horas, passou a ser dado por Pfeiffer no primeiro semestre, e por Sergio Milliet, no segundo. Em 8 de janeiro de 1953, seria oferecido curso de férias de Desenho e Modelagem, para jovens de 12 a 18 anos, com duas aulas semanais, às segundas e quintas-feiras, no período da manhã. In Curso de Modelagem e Desenho para jovens. *Folha da Manhã*, Caderno Único. Museus e Galerias, MAM, 7/1/53, p.4.

⁴ - Aluno de Goeldi na ENBA (cursou 2 anos). Em 1949 ganhou medalha de ouro no Salão e começou a ensinar no SENAI; expôs em 1951 no IBEU; em 1952 ganhou prêmio de viagem à Europa pelo MAM-Rio, onde ficou por 3 meses apenas (mil dólares). Na volta instalou a Seção de Gravura na Escola de Artesanato do MAM /SP; participou da 1ª Bienal de SP. Várias participações em outras mostras.

⁵ - Nos anos 1950, Lívio Abramo viajara para a Europa e aprendeu gravura em metal com Willyam Hayter, no "Atelier 17", em Paris. Em 1951 ganhara sala especial na 1ª Bienal de SP.

⁶ - Escola de Artesanato. *Correio da Manhã*, 31/08/52. 1º Caderno, Artes Plásticas. MAM SP, p.11.

⁷ - Ver sobre o assunto: TAVORA, 2007, pp.58-67.

⁸ - Com duração de 15 dias, constavam xilogravuras e linóleos do curso de Artes Gráficas. Na ocasião da mostra, Rui Bloem era o presidente em exercício do MAM. IN: Exposição da Escola de Artesanato do MAM, *Folha da Manhã*, 27/06/53, Caderno Único, p.5; Exposição em São Paulo: Museu de Arte Moderna. *Correio da Manhã*, 1º Caderno, 4/07/53, p. 7.

⁹ - Em um ano de funcionamento, seriam registradas cerca de 384 sessões com mais de 200 filmes apresentados. ONAGA, Hideo. Alcança Projeção Mundial o Museu de Arte Moderna. *Folha da Manhã*, Caderno Único, 12/04/1953, p.1.

ou diletantes?¹⁰ Para a articulista, havia o risco de a Escola ser procurada por amadores interessados em ocupar seus tempos livres de lazer, fazendo cerâmica e gravura. Quanto à gravura, seu ver, no entanto, havia menor risco desta situação concretizar-se, pois a ela se dedicavam "jovens possuindo honestidade artística".¹¹

Várias exposições de fim de ano foram promovidas pela Escola.¹² Merece destaque a exposição que Lívio Abramo inaugurou no Rio, na Escola Nacional de Belas Artes, em 1958, num intercâmbio de interesse com essa Instituição, cujo curso de especialização em gravura tinha à frente Osvaldo Goeldi.¹³ Para muitos, tal mostra constituía-se na primeira oportunidade de apresentar seu trabalho fora de São Paulo e com chances de venda.

Em 25 de março de 1959, quatro dias após terem sido abertas as inscrições para o novo ano de atividades com os cursos da Escola de Artesanato,¹⁴ na nova sede do MAM, no Parque do Ibirapuera, os jornais anunciavam, em letras garrafais, a suspensão dos respectivos cursos.¹⁵

Tal decisão foi tomada de súbito e não explicada para seu público de alunos. Sérgio Buarque de Holanda, membro da diretoria do Museu, ainda composta por Lourival Gomes Machado e Paulo Mendes, explicou tratar-se de suspensão temporária para reorganização dos cursos.¹⁶ Inicialmente foram demitidos Lívio Abramo e Wolfgang professores de Gravura e de História da Arte, respectivamente.

Estúdio Gravura - SP

Dispensado da Escola de Artesanato, Lívio Abramo, muito rapidamente, criou um curso de gravura em parceria com sua ex-aluna Maria Bonomi (1935)¹⁷ cuja inauguração aconteceu em 29 de março de 1960, em ateliê instalado na casa 3, na Alameda Glette, 691, espaço que

¹⁰ - *Diário Carioca*, Letras e Artes, A Escola de Artesanato do Museu de Artes Modernas de São Paulo. 13/12/53, p. 3. Yvonne JEAN(1924-1982) jornalista de origem belga de ascendência judia, veio para o Brasil aos 29 anos de idade, fugindo da invasão nazista em seu país. Entre 1941 e 1971, escreveu crônicas e reportagens sobre diversos temas (arte, cotidiano, cultura e educação) também, para os jornais *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Última Hora* e *Correio Braziliense*, e outros mais.

¹¹ - Idem

¹² - Em 1955, nove alunos de gravura do mestre Lívio Abramo participaram de exposição. Alunos em 1954: Maria Teresa Vitolo, José Luis Moro, Nilson Seone, João dos Santos, Fernando Campos, Gontram Guanais, Celia Rocha, Otavio Eduardo, Helena Golumbzel e Heloisa Penteado. Em 1955: Dorothy Bastos, Bete Richard, Luís Osório Leão, Saverio Castelhana, Augusto R.P. Guedes, Ubirajara, Leopoldo Raimo, José Botosso e Aparecida Viotti.

¹³ - A Escola de Artesanato estava representada por dezenove alunos (11 homens e 8 mulheres). Alguns dos autores das 57 gravuras expostas haviam participado também do 7º Salão de Arte Moderna, no Rio de Janeiro (caso por exemplo, de Gilvan Samico). Expositores de São Paulo: Bete Richard, Rute Melo, Dorothy Bastos, Edite, Leonor Scarno, Mona Serovitz, Ilsa Ferreira, Célia Kayat, Lourdes Prado de Almeida, Antonio Henrique Amaral, Henrique Cruz, Gilvan Samico, Diogo Serra, José Luis Moro, Decio Ferreira, Saverio Castelhana, Brás Dias, Carlos Scarinci, Paulo Sampaio e José Cláudio.

¹⁴ - *Folha da Manhã*, 21/03/59. Caderno Único, p.5.

¹⁵ - SUSPENSAS SEM EXPLICAÇÃO AS AULAS DA ESCOLA DE ARTESANATO DO MUSEU DE ARTE MODERNA. *Folha da Manhã*, 25/03/59, Caderno Único, p.7.

¹⁶ - Constituíam então o corpo de professores: em Gravura, Lívio Abramo; em Cerâmica, João Rossi; em Desenho, George Nasturel; em Composição, M. Célia Malmon e em História da Arte, Wolfgang Pfeiffer e Nelson Nóbrega, era professor de pintura além de Diretor da Escola (1959).

¹⁷ - A artista aproximou-se à gravura a partir de uma exposição de Lívio Abramo, em 1953. Em 1954, tornou-se sua aluna, frequentando seu pequeno ateliê, na Rua Timbiras. Convidada por Emilio Vedova, premiado na Bienal/SP, para estagiar como impressora, em seu estúdio em Veneza, Monomi foi para a Europa, retornando ao Brasil em 1959. Neste ano, frequenta no Rio de Janeiro o curso inaugural do Ateliê do MAM, orientado por pelo artista franco-alemão Johnny Friedlaender. Bolsista do Pratt-Comptemporaries Graphic Art Centre /USA (aluna de Seong Moy e Hans Müller).

viria a exercer influência positiva na formação moderna de uma geração de gravadores.¹⁸ Com Lívio Abramo e Maria Bonomi, podemos pensar igualmente sobre o papel do "habitus cultivado". Bonomi fora aluna de Lívio Abramo em seu ateliê, em 1954, tendo sido profundamente marcada pelo mestre no estudo e experimentação dos materiais (linóleo e madeira). O caráter experimental de seu trabalho constitui ainda um legado da orientação de Johny Friedlaender, buscada em 1959, no Rio de Janeiro, no curso inaugural do MAM. Em setembro daquele ano, o gravador José Luis Chaves(1924) que retornara da Europa, passou a assistente de Lívio, encarregando-se do curso de água-forte.

Em sua orientação, Lívio¹⁹ afirmava sua posição,- a gravura pensada como instrumental para a criação moderna.Igualmente como a Escola de Artesanato do MAM, o Estúdio ofereceu curso de férias, alcançando um público mais diversificado. O gravador considerava importante dar a seus alunos uma formação técnica capaz de suprir necessidades no terreno da publicidade, no âmbito das artes gráficas, como a ilustração e no campo da expressão artística. Experiente professor, Lívio Abramo, permaneceu por dois anos à frente deste espaço. Em 1962, foi convidado pelo Itamaraty para assumir a direção do Setor de Artes Plásticas na Missão Cultural Brasileira no Paraguai que, nos anos 70, passou a ser chamado de Centro de Estudos Brasileiros, domiciliando-se em Assunção até a sua morte, em 1992.

As ações do trio de orientadores norteavam-se pelo interesse em oferecer uma formação de artesão gravadores e impressores que, para além das obras artísticas, estivessem capacitados para atender às inúmeras demandas da indústria gráfica.Lugar para o aprendizado técnico da gravura, o trio de gravadores pretendia ampliar a ação do Estúdio de Gravura, com a instalação de um Curso de Aperfeiçoamento de Impressão; com edições de duas setores de gravura - didáticas e artísticas; com edição de livros ilustrados com gravuras em tiragens especiais; com lançamento de um álbum de gravuras do trio, em comemoração ao aniversário de um ano do Estúdio; com o lançamento de um álbum com gravuras de seus alunos, numa edição popular e a preço acessível,²⁰ assim como organizar uma exposição do Estúdio na Galeria São Luis, de propriedade do colecionador Ernesto Wolf.²¹ Projetava-se também para o Estúdio funcionar como um ateliê livre para artistas solicitarem a impressão de suas gravuras.

Desde o ano de sua criação, pouco a pouco, seus projetos se concretizavam: lançamento de cartões de Natal,²² produção de folhetos, de álbuns, de cartazes (exposição de Calder/ maio de 1960, por ex.) e para peças teatrais como Quarto de Despejo.²³ Agências de publicidade²⁴

¹⁸ - Em espaço alugado com apoio do colecionador e industrial Ernesto Wolf, patrocinador também da Galeria São Luís.

¹⁹ - Foram seus alunos no Estúdio Gravura: Dorothy Bastos, Pedro Seman, Moacir Rocha, Amélia Toledo, Zita Viana de Barros, Ely Bueno, Miriam Chiaverini, Clélia Cotrin Hannah Brandt, Anésia Pacheco Chaves, Savério Castelani, Ely Bueno, Hans Grudzinski, Camila Cerquaiera, Tereza Labiola e Sheila Braningan.

²⁰ - Ideia sugerida por Lionello Venturi, estudioso italiano renomado internacionalmente e professor de História da Arte na Universidade de Roma, quando de sua visita ao Estúdio, em 1960, em viagem de trânsito entre Buenos Aires e Rio de Janeiro.

²¹ - GULLAR, Ferreira. O Estúdio Gravura amplia suas atividades: mostras e edições. *Jornal do Brasil*. Caderno B, Artes Plásticas, p.2, 27/12/1960. A exposição comemorativa do aniversário de um ano de atividades do Estúdio aconteceu, tendo sido inaugurada no dia 4 de julho de 1961, na Galeria São Luís. COELHO, Nelson. Estúdio Gravura hoje na São Luís. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, Artes Plásticas, p.3, 4/07/61.

²² - MARTINS, Vera. Estúdio Gravura : Lívio Abramo e Maria Bonomi. *Jornal do Brasil*. Caderno B. Artes. p.4, 15/05/61.

²³ - Idem.

e setores da indústria passaram a fazer encomendas para os artistas e alunos do Estúdio, valorizavam seus originais.

A programação de 1961 incluía estudos de história, teoria e crítica da gravura, através de projeções de imagens de obras, aulas expositivas, conferências; que eram incorporadas ao conhecimento dos materiais e experimentação na gravura. Atividades destacadas por Aracy Amaral quando afirmou que Lívio Abramo e Maria Bonomi tinham em mente a formação de jovens gravadores, fornecer ambiente para reunir um grupo de entusiasta que encontrasse no estúdio não apenas orientação técnica, mas possibilidade de diálogo com a arte atual e os problemas da gravura em todas as suas técnicas. Com posicionamentos críticos, dava-se a ativação da gravura promovida por alunos e orientadores que se situavam entre a indústria gráfica e a expressão artística. Para a estudiosa, o Estúdio conformava "uma espécie de embaixada da Arte da Gravura do mundo, em São Paulo."(AMARAL,1963) Sugeriu a separação da realização de encomendas de outra seção exclusivamente dedicada às tiragens."(AMARAL,1963) Sua proposta definia para o Estúdio o papel de oficinas de tiragem do mundo inteiro, com espaços especializados para atender aos artistas na impressão de suas estampas.

O Estúdio mantinha-se atento aos acontecimentos do campo artístico da gravura. Eram estimuladas participações em exposições, mostras, salões institucionais locais e internacionais. No caso do Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o Estúdio responsabilizava-se pela distribuição das respectivas fichas de inscrição.

Merece destaque a publicação, em 1962, de um álbum de gravuras em memória a Lionello Venturi, historiador e crítico de arte que visitara o Estúdio em 1960, cuja edição de quarenta exemplares esgotou-se, antes mesmo de seu lançamento.²⁵

Em 1965, destaca-se a mostra de gravura brasileira intitulada Grabado - 4 escuelas del Brasil, organização de Lívio Abramo,²⁶ no Centro de Estudos Brasileiros, em Assunção, onde este já se encontrava trabalhando, desde 1962. De âmbito internacional, apresentava obras dos orientadores e alunos dos núcleos de ensino da gravura artística, no eixo Rio/São Paulo: Estúdio Gravura, Ateliê do Curso de Especialização da ENBA, Ateliê livre do MAM-Rio e do Curso de Gravura da FAAP/SP.

Quando dessa exposição, o Estúdio Gravura, desde 1964 já havia encerrado suas atividades de quatro anos voltadas para o estudo, a discussão e a prática da gravura. Forçado pela

²⁴ - A THOMSON PROPAGANDA, em 1962, encomendou para o Estúdio, um Álbum com mais de dez Gravuras para seu brinde de Natal. Encomenda noticiada na *Folha de São Paulo*. *Vida Social*, p.2, 28/10/62,

²⁵ - Com capa realizada por Lívio Abramo, participaram desta publicação: Teresa Cabriola, Hans Grudzinsky, Camila Cerqueira, Zita Viana, Ely Bueno, Hannah Brandt, Moacir Rocha, Ana Guerreiro Architz. MIRANDA, Tavares. Várias. *Folha de São Paulo*. Ilustrada, 12/10/1962, p.3.

²⁶ - Exposição com mais de 40 trabalhos de artistas dos 4 núcleos de ensino da gravura. Figuravam na exposição um trabalho de cada orientador dos núcleos e dos respectivos alunos: do Curso de Especialização da ENBA/RJ (Goeldi e Adir Botelho); Ateliê Livre do MAM-Rio (Edith Behring e Anna Letycia); Curso de gravura da FAAP/SP (Marcelo Grassmann, Darel Valença e Mario Gruber Corrêa) e Estúdio Gravura de São Paulo (Lívio Abramo e Maria Bonomi, João Luís Chaves). Alunos do Estúdio participantes: Hannah Brandt, Amália Toledo, Zita Viana de Barros, Ely Bueno, Hans Grudzinsky, Moacir Rocha, Edith Jiménez, Cristina Sardinha, Hector Martinez, Michel, Rosa Kleiman, Hedy Ziegler, entre outros. MAURICIO, Jayme. *Escolas de Gravura no Brasil. Correio da Manhã*. Segundo Caderno, Itinerário das Artes Plásticas, 5/06/65, p.3.

desconfiança dos militares que invadiram suas salas, quebraram tudo, pois o consideravam um "aparelho", fechou suas portas.²⁷

Escola de Arte da FAAP

Quando o Estúdio Gravura ainda se mantinha em pleno funcionamento, foi criada, em 1961, a Oficina de Gravura na Escola de Artes da FAAP, tendo como orientadores Darel Valença(1924) e Marcelo Grassmann(1925-2013). Darel já era um artista experimentado,²⁸ Prêmio de Viagem ao País, em 1953, do Salão Nacional de Arte Moderna, com gravura em metal, aprendida com Henrique Oswald (1918-1965), filho de Carlos Oswald, no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro (1946). Também era vencedor do Prêmio de Viagem ao Exterior de 1957, no mesmo Salão, com litografia. Por razões do gozo deste prêmio, Darel interrompera o curso livre de litografia artística que iniciara em 1956, na ENBA, em sala do Diretório Acadêmico, para onde levava sua prensa, buscando reativar a litografia como arte. Chegaram a frequentar este curso, artistas como Goeldi, Anna Letycia, Franz Krajcberg e João Qualia. "Como era um espaço livre, qualquer um que quisesse fazer litografia, chegava lá e fazia, precariamente, mas fazia." ²⁹

Marcelo Grassmann (1925-2013), por sua vez, apresentava uma trajetória de cerca de 15 anos de realizações bem sucedidas. Também aprendera gravura no Liceu carioca, com Henrique Oswald e Poty Lazarotto (em madeira). Paulista, residira no Rio de Janeiro, desde 1949. Como Darel, sua obra transitava pelo desenho e pela gravura. Tinha no currículo inúmeras premiações em gravura ou desenho: III Bienal de São Paulo (1955); Prêmio Leirner de Arte Contemporânea (1958); Bienal de Paris (1959), entre outros.

Mais uma vez, registramos, no caso desses dois artistas, a questão da genealogia de formação que se cruza mantendo princípios comuns para o ensino da gravura moderna, o que afirma a importância do pioneirismo do Ateliê do Liceu carioca para a divulgação e a sedimentação da arte da gravura, entre nós. Dá-se, a partir da formação neste núcleo, a internalização de uma atitude crítica-reflexiva no tratamento dos meios e fins da gravura modernamente concebida. O levantamento da história deste núcleo de ensino de gravura da FAAP está em andamento, assim como o da Escola Livre de Artes Plásticas no MASP, onde ensinaram Poty e Renina Katz, na década de 1950. Conjugam com os demais, aqui tratados instâncias fundamentais de formação dos artistas-gravadores que ativaram o campo, nos anos 1950/70, no eixo Rio/São Paulo.

Neste processo de promoção da gravura artística, registram-se eventos realizados em solo paulista tais como as bienais, com a premiação de Melhor Gravador Nacional, o Salão Paulista de Arte Moderna e, sobretudo, as duas edições da Jovem Gravura Nacional (1964 e 1966), promovidas pelo MAC/SP. Eventos que reúnem pioneiros e jovens artistas gravadores em atividade entre o Rio e São Paulo. Funcionam como um termômetro de uma produção singularizada esteticamente, galgando espaços e apoios institucionais. Neste

²⁷ - BONOMI, Maria . IN:ALMEIDA , Miguel. Maria Bonomi. São Paulo:Lazuli Editora Companhia Editora Nacional, 2008. Coleção Arte de Bolso, p.39. Sobre o assunto ver LAUDANNA, Mayra.(org.) Maria Bonomi- da gravura à arte pública. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial, 2007, p. 72.

²⁸ - No ensino de gravura em metal, foi orientador em 1951, na Escolinha de Arte do Brasil/RJ. Em 1955, substituiu Poty Lazarotto, no curso do MASP, ano de sua premiação no Salão de Arte Moderna. Dirigiu por 16 anos a parte técnica das edições dos Cem Bibliófilos do Brasil/RJ mantida por Castro Maya.

²⁹ - GROSSO, Antonio. In: TAVORA, 2017, p.100.

cenário, destacaram-se, entre outros, os artistas Poty Lazarotto, Lívio Abramo, Darel Valença, Renina Katz e Maria Bonomi, com formação e atuação lá (São Paulo) e cá (Rio), envolvidos na experimentação da gravura como elemento estruturador de suas poéticas. Além do registro deste fluxo de atividades criativas que envolveu os anos 1950/70 na cidade de São Paulo, buscamos dimensionar sentidos ao “imaterial encarnado” que desloquem percepções cristalizadas em nossa historiografia das artes plásticas. “Incorporar” em nossas narrativas e reflexões “o experimentado e o imaginado” revelando a eloquência da produção dos artistas-gravadores.

As ideias e ações desses núcleos de ensino, que vigoravam e nortearam o impulso e o tratamento recebido pela gravura, participam dos sentidos das obras, constituem o “imaterial encarnado”. Somam-se à valoração do fato artístico em um processo contínuo de formação e concreção de esquemas de pensamento, com linguagem própria. De acordo com sua posição neste campo, interessam-se pela integração de valor e sentido à produção material dos artistas-gravadores, referenciando-se aos respectivos “habitus cultivado”.

Referências bibliográficas

AMARAL, Aracy. Cresceu e a roupa está pequena. *Brasil Urgente* (SP) ANO I, n. 21. Artes Plásticas, p.15, 4 a 10/08/63.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982, pp.211-218.

MARTINS, Ibiapaba. O Museu de Arte Moderna começa pelo começo - a Escola de Artesanato formará profissionais se não formar artistas. *Suplemento do Correio Paulistano*, 28/09/1952, pp.8-9.

TAVORA, Maria Luisa. O Ateliê livre de gravura do MAM-Rio-1959/1969: projeto pedagógico da linguagem. In: *Revista do PPGAV/EBA/UFRJ - Arte & Ensaios*, n.15, 2007, pp.58-67.

TAVORA, Maria Luisa. Experiência moderna: gravura nos anos 1950/70 na Escola Nacional de Belas Artes. In: *Histórias da Escola de Belas Artes: revisão crítica de sua trajetória*.(org.) Ana Cavalcanti, Marize Malta, Sonia Gomes Pereira.[2.ed.] - Rio de Janeiro: Nau Ed., 2017, p.100.